



Casa Selvática: espaço artístico e hibridismo cultural em Curitiba

Casa Selvática: artistic space and cultural hybridity in Curitiba

Caroline Marzani¹

Marcelo Fernando de Lima²

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar o espaço artístico *Casa Selvática*, identificando as características que o tornam um lugar destinado ao hibridismo. A análise ocorreu a partir de entrevista com o artista Ricardo Nolasco, integrante do grupo. Para o estudo, estabelecemos paralelos entre os princípios seguidos pelos artistas na concepção e organização do espaço com conceitos de pós-modernidade, identidade e definições de arte.

Palavras-chave: Arte contemporânea; Artes híbridas; Pós-modernidade; Tecnologia; Espaços artísticos.

Abstract: This article aims at analysing the project *Casa Selvática*, an artistic space in Curitiba, by identifying the characteristics that make it a place prone to hybridity. In order to make this analysis, we interviewed Ricardo Nolasco, an artist involved with the group *Casa Selvática*. We made some parallels between the principles followed by the artists in the design and organisation of the space with concepts such as postmodernity, identity and definitions of contemporary art.

Keywords: Contemporary art; Hybrid arts; Postmodernity; Technology; Artistic spaces.

A cidade de Curitiba conta hoje com uma diversidade de espaços de produção alternativos ao circuito tradicional e aos projetos subvencionados pelo poder público. Cada vez mais há oferta de atividades promovidas por grupos independentes em ambientes híbridos, que reúnem ações culturais, educativas, artísticas, políticas e comerciais, principalmente nas áreas centrais da cidade.

Um desses espaços é a *Casa Selvática*, voltada a espetáculos que tem como particularidade a não separação entre palco e plateia, diferentemente do que acontece na maior parte dos espaços cênicos tradicionais. A casa oferece programação diversificada:

¹ Caroline Marzani é licenciada em Teatro pela Faculdade de Artes do Paraná (FAP), possui especialização em Artemídia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) e é aluna do mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

² Doutor em Letras (Universidade Federal do Paraná), professor-adjunto do Departamento de Linguagem e Comunicação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Curitiba (UTFPR), atuando na graduação em Comunicação Organizacional e no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL).

shows burlescos, performances, instalações artísticas, exposições, lançamento de livros, apresentações musicais e de dança, oficinas, ciclo de debates, manifestos e festas.

Para analisar os aspectos culturais da Casa Selvática, nosso estudo estabelece o seguinte percurso. Primeiro, apresenta a noção de novos espaços artísticos, relacionados à ideia de hibridismo cultural; em seguida, dá exemplos de formas de hibridismo e sua relação com a constituição de outros espaços para as artes. Ao final, são feitas considerações sobre a proposta desenvolvida pela Casa Selvática, levando em conta questões como a pós-modernidade, a identidade e a definição de arte.

Espaço artístico e hibridismo

Espaços tradicionais de artes separavam público e espectador, artista e obra, produção e apreciação, atitude originada nas regras da arte na era burguesa, que visavam a separação do público de elite do popular (BOURDIEU, 2005). O campo das artes dividia-se em linguagens distintas, que ocorreriam em lugares específicos, como o espaço físico do teatro, do cinema, da biblioteca ou da livraria, da galeria.

Para Canclíni, no século XIX, as artes encontravam-se em um binarismo que dividia o erudito do popular. Este ocorria em festas e manifestações espontâneas, que já ocupavam diferentes formas de manifestações não sacralizadas das artes; o erudito era destinado a poucos – objeto de um grupo “frequentemente mais interessado no valor econômico do investimento do que nos valores estéticos” (CANCLINI, 2013, p.57). Além disso, o acesso a museus, galerias, livros, festivais e bienais, facultado apenas àqueles que detinham boas condições econômicas, transformou-se numa forma de distinção social.

Santaella ressalta que foi só a partir do final do século XIX, com o advento da cultura de massa e sob o embalo da revolução tecnológica, que uma nova concepção de arte começou a abalar a polaridade popular-erudito: “[...] disso resultam cruzamentos culturais em que o tradicional e o moderno, o artesanal e o industrial mesclam-se em tecidos híbridos e voláteis próprios das culturas urbanas” (SANTAELLA, 2003, p.52).

Por meio da cultura de massa, a relativização dos binarismos e das fronteiras entre linguagens começa a produzir novas formas de conceber a arte e os espaços artísticos. Como revela Canclíni, “a cultura urbana é reestruturada ao ceder o protagonismo do espaço público às tecnologias eletrônicas e mídias” (2013, p.290). Ou seja, percebemos um espaço contrastante entre a memória histórica que dividia e separava os espaços, elitizando-o, e novas experiências da cultura visual, que invadiam o espaço e dessacralizavam o sentido de uma arte pura e binária.

Desde a década de 1990, Canclíni se utiliza do termo hibridização para repensar a modernização como processo heterogêneo, principalmente em se tratando dos movimentos populares da América Latina em comparação com alguns países da Europa e com os EUA.

Esses múltiplos movimentos se caracterizariam pela passagem e cruzamento do tradicional, do moderno, do culto, do popular e do massivo. Para o autor, a história da arte, a literatura e o conhecimento científico se caracterizariam como uma forma *culta*; a antropologia, o folclore e também os populismos políticos são considerados como *populares* e as indústrias culturais, como uma forma *massiva*.

A cultura de massa permitiu que diminuíssem não só as barreiras entre erudito e popular, por meio da explosão dos meios eletrônicos de difusão, mas possibilitou que a próxima era das mídias reduzisse as fronteiras entre espaço e tempo por meio da teleinformática e do vídeo. A partir da década de 1970, teve início uma coexistência da televisão com novos equipamentos midiáticos, tais como o videocassete e os videogames. Com isso, houve o início de uma época de maior interação entre o produtores e o consumidores de informação e entretenimento (SANTAELLA, 2003, p.80).

No campo das artes, ao longo do século XX, também se transformam os modos de produção, percepção e recepção artística, com a reprodutibilidade técnica (BENJAMIN, 2013), a pós-fotografia e cinema, ou ainda na antiarte de Marcel Duchamp, em que suportes e materiais artísticos são repensados, e a própria linearidade das narrativas é posta em questão. Além disso, novos espaços são pensados para a arte, para além de museus e galerias.

Relações entre espaço e hibridismo

A relação entre espaço e arte foi problematizada de maneira importante pelo Dadaísmo de Marcel Duchamp (1887-1968), já que o artista defendia que tudo poderia ser usado para produzir a obra de arte, inclusive o próprio corpo. Misturando elementos cotidianos, como o mictório exposto numa galeria de Paris com o título “A Fonte”, Duchamp procurava dessacralizar a ideia de arte e do espaço artístico como um local destinado apenas às belas artes e às elites.

Ainda na primeira metade do século XX, Jackson Pollock (1912-1956) inovou ao utilizar a tela no chão e usar todo o seu corpo, em uma dança ritualística, para pintar. O artista faz uma inversão tradicional do sentido de produção de obra e do espaço de sua exibição, tornando híbridos tanto as linguagens quanto o seu espaço de exposição.

Com o grupo Fluxus, surgido na década de 1960, o *happening* se desenvolve, com a mescla de artes visuais, música e literatura, dança e teatro, com foco na ação, no gesto e movimento. Esse movimento, ou antimovimento artístico, questiona a ideia de arte pura e passa a ocupar espaços públicos distintos no intuito de integrar as artes a outros lugares de realização. Ainda na década de 1960, a videoarte surge unindo diversas linguagens, como vídeo, fotografia, performance, *happenings*, instalações, etc, com o uso não-comercial do vídeo. Exemplos de artistas que representaram esse movimento são Nam June Paik e o grupo Fluxus.

Já na década de 1970, o movimento de performance se popularizou como modalidade interdisciplinar que combinou artes visuais, vídeo, teatro e poesia, por exemplo. Além da combinação de elementos variados, acontece em formatos diversos e são organizados em ambientes fechados ou abertos, públicos ou privados.

Na *Body Art*, ou na “Arte do Corpo”, as artes visuais estão mais presentes e o corpo do artista é colocado como tela para se expressar, a exemplo da artista francesa Orlan, que se submeteu, desde a década de 1990, a cirurgias plásticas que reconstruíram seu corpo e seu rosto para parecer com figuras femininas como a Mona Lisa. Arantes (2005) aponta a Bioarte (ou arte transgênica) como um dos segmentos que colocam o corpo em discussão nas artes, caracterizando-se pela intersecção entre biologia e expressões artísticas. Um dos exemplos é Char Davies, que utiliza a respiração e batimentos cardíacos em alguns dos seus trabalhos.

Esses variados exemplos de arte, importantes referências para o trabalho produzido na Casa Selvática, dão a noção direta entre hibridização e a constituição de novos espaços para construção e apresentação de obras. Por isso, a hibridização é iniciada a partir do legado dos movimentos modernistas do final do século XIX e início do século XX. Essa perspectiva da não-linearidade influencia diretamente as narrativas artísticas, bem como a produção e utilização de outros espaços para criação e/ou exposição das artes.

Hibridismo na Casa Selvática

Em 2012 surgiu a empresa Selvática Ações Artísticas, fundada por um grupo de amigos que se conheceram na Faculdade de Artes do Paraná (FAP) e tinham um interesse comum: alugar um espaço que acolhesse diferentes áreas e pudesse ser um lugar de pesquisa de artistas independentes. A formação básica dos integrantes é em teatro, contudo, seus interesses expandiam-se para outras formas artísticas, de maneira a interligá-las e hibridizá-las. A localização do espaço foi escolhida pelos artistas por

encontrar-se de acordo com as expectativas pretendidas de procura a diferentes experiências híbridas e apropriação de espaços urbanos. Encontra-se na proximidades da Avenida Getúlio Vargas, em Curitiba, em um trecho de concentração de prostituição.

O artista residente Ricardo Nolasco afirma que a escolha do espaço se deveu, entre outros fatores, ao seu interesse em abrir o lugar para diversas áreas das artes e diferentes comunidades, tais como transexuais e travestis da região para comporem ou interferirem no trabalho artístico (NOLASCO, 2015).

Atualmente dez artistas têm a reponsabilidade de manter a casa e organizar eventos. A função que cada artista assume no processo de criação ou execução dos trabalhos demonstra um caráter híbrido, de maneira a justapor as atividades e a interligá-las. Sobre isso, Ricardo argumenta que os artistas acabam atuando em várias frentes, como curadores, produtores, a fim de manter a casa e pagar as contas.

No que se refere aos trabalhos, os artistas também se interessam pelo uso de distintas maneiras de criação. Dentre os exemplos estão as performances que acontecem no “Tem Bububu no bobobó”, evento anual de comemoração do aniversário do espaço; nos vídeos, em trabalhos como “Iracema 236ml” ou ainda em “I Ornitorrinco” (Figura 1³); na Bioarte, com oficinas de transformismo drag queen; ou, ainda, na arte computacional, como no *workshops* de produção eletrônica.

Sobre a maneira de composição artística e as possíveis formas de relação entre os grupos e o espaço, Ricardo afirma que elas não se caracterizam como algo fechado, pois não há uma “obrigação de investigação estética”, conforme o que geralmente ocorria com os grupos de vanguarda. A investigação do coletivo da Casa Selvática, neste caso, está relacionada à constituição de formas realizadas pela procura por distintas maneiras de se compor suas obras, sem uma obrigação de se constituir uma forma acabada ou contínua. Por isso, sua ideia assemelha-se à noção de antiforma.

Nesse sentido, Ricardo deixa transparecer, novamente, a ideia de que a pesquisa dos artistas da Casa se integra à maneira como se compõem as dimensões das cidades pós-modernas, pois “os pós-modernistas costumam ver o processo urbano como algo incontrolável e ‘caótico’, no qual a ‘anarquia’ e o ‘acaso’ podem ‘jogar’ em situações inteiramente ‘abertas’” (HARVEY, 1992, p.49).

Assemelhando-se às apreensões de Harvey, Nolasco propõe uma procura pelo estabelecimento estendido do formato artístico (ou ao não-formato), semelhante à arte pós-moderna, sem limitações entre as áreas, transitando de uma linguagem a outra. Num

³ Esta figura (assim como a Figura 2) é uma reprodução do programa visual de eventos ocorridos na Casa Selvática em 2013 e 2016, respectivamente.

de seus mais recentes eventos, realizado em 20 de fevereiro de 2016, a Casa Selvática homenageou o centenário do movimento Dadá, iniciado no Cabaret Voltaire, em Zurique. O evento de nome similar – Cabaré Voltei (Figura 2 dos Anexos) – apresentou manifestos, dança, performances, música, leitura de poesias e demais ações que puderam ser feitas livremente no espaço, como propunha a ideia original do grupo suíço. Dessa maneira, o coletivo curitibano se aproximou das ideias dadaístas que modificaram a arte moderna do começo do século XX.

A partir do pensamento de Harvey (1992), que aproxima a arte urbana da imagem da cidade, podemos afirmar que a Casa Selvática procura uma ideia anárquica de arte. As cidades pós-modernas podem ser vistas como plurais em sua arquitetura, seus passantes, sua organização, seus modos de locomoção, que, diferentemente da modernidade, não nega seu passado. É a estética do *kitsch*. Tal como propõe Harvey, podemos dizer que a arquitetura contrastante da *Selvática* – um prédio antigo, de cor rosa – envolve noções anárquicas por meio de ações artísticas que incluem tecnologias de vídeo, projeções, sons eletrônicos (Figura 3 dos Anexos).

Outro fato curioso é o local escolhido para a casa: de um lado está uma tradicional igreja católica, de outro uma movimentada rua de bares, prostitutas e travestis (Figura 4). E a casa, ali, transitando entre o sagrado e o profano. Essa heterogeneidade híbrida pauta-se na colagem, nas construções que visam a participação do espectador, em usos de suportes, espaços e materiais não tradicionais e em um trabalho que não tem como foco o resultado, mas o processo, além de valorizar o instantâneo. Esse também foi um dos motivos para a escolha desse local pela Selvática Ações Artísticas, misturando diversas formas de manifestação artística:

[...] do teatro. Da performance. Mas tem artistas também de artes visuais, tem artistas de música. Agora é o momento que a gente tá conseguindo mais. É que tem uma coisa legal também: como a performance sempre foi o interesse da gente de pesquisa, e ela é um território híbrido... (NOLASCO, 2015).

Os processos artísticos do coletivo, como visto, embasados nos conceitos de performance e *happenings*, se propõem a uma outra relação artista-obra-espectador, que é a interação entre ambos. A separação entre palco e plateia nos teatros diminui a relação possível de ocorrer entre os sujeitos. Diferente desses princípios, as obras criadas pelos artistas da Selvática pedem para serem tocadas, modificadas e resignificadas.

Essa realidade pode ser verificada em uma das propostas a serem realizadas em 2016 pelo coletivo, que consiste em grupos de estudos abertos ao público, com leitura, possibilidade de debater, sugerir, contestar teorias e propostas artísticas:

Eu acho que vai ajudar a revolucionar a discussão sobre as artes híbridas, porque, como a gente não consegue às vezes agregar todo mundo, as discussões, uma coisa que abre pros outros virem, vem gente de outros lugares (NOLASCO, p. 2015).

A ideia novamente de rompimento do espaço, neste caso, ocorre pela introdução de sujeitos de distintos lugares, de maneira a produzir novos deslocamentos e novas apropriações do espaço, visando não deixá-lo fechado a uma perspectiva única.

Por fim, Nolasco relata que a questão da transexualidade, que em si carrega o hibridismo como elemento primordial, é um dos temas muito importantes para o coletivo, presente em distintos trabalhos e apresentado em espaços diferentes. Um dos projetos em desenvolvimento intenciona interagir com a comunidade transexual e travesti que trabalha na prostituição em locais próximos à casa. Para o entrevistado, a discussão sobre a questão do gênero

é uma temática que a gente sempre trabalhou muito. E a gente está querendo fazer um projeto no ano que vem. Estamos vendo a possibilidade de fazer sem grana, chamado *Transbordando o Rebouças*, que é com a população trans e travesti (NOLASCO, 2015).

O esfacelar das linhas que dividem as linguagens artísticas também se prolonga nas questões da discussão de gênero, já que o binarismo masculino-feminino diminui na pós-modernidade. Nessas propostas, com as ideias de um sujeito único, indivisível, inteiro são postas em questão, por meio de uma hibridização das noções e da constituição de um espaço artístico que utiliza o corpo como aspecto da construção artística; separar homem-mulher, principalmente levando em consideração só o aspecto biológico, já não é suficiente.

Nesse sentido, o coletivo problematiza essas construções sociais e culturais de feminino e masculino em seus trabalhos. Não apenas por ter entre os artistas residentes

transexuais, *drags*, travestis, mas também por colocar a discussão frequentemente em suas realizações.

Considerações finais

Ao longo deste artigo, defendemos a ideia de que um espaço de produção artística como a Casa Selvática proporciona maior abertura a diferentes tipos de públicos e produções artísticas, já que a hibridização das áreas facilita que diversos artistas trabalhem, assistam e participem das manifestações artísticas e, dessa forma, aconteça uma maior troca entre os artistas. Além disso, a proposta de se trabalhar com coletivos, em vez de grupos, permite uma maior flexibilidade quanto à entrada e saída de artistas no local, e também um constante repensar sobre os modos de encarar a arte.

A Selvática propõe que os trabalhos apresentados no espaço permitam troca entre aqueles que os apresentam e que os veem. Mesmo os trabalhos que acontecem fora da Casa, poucos são aqueles que fazem a separação entre o palco e a plateia. Também nos trabalhos da Casa Selvática o corpo ganha foco, seja na performance, no teatro burlesco, na dança-teatro, nas relações entre vídeo-corpo, ou ainda como discussão de gênero feminino, masculino, androginia e transexualidade. Mesmo porque atores e atrizes transexuais, travestis e *drag queens* trabalham no espaço e propõem como temática o híbrido feminino-masculino, desconstruindo padrões tradicionais que dividem ambos.

Bibliografia

- ARANTES, Priscila. **@rte e mídia: perspectivas da estética digital**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.
- BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. 1.ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa.4.ed. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2013.
- CAUQUELIN, Anne. **Arte Contemporânea- uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-modernidade**. 10.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

NOLASCO, Ricardo. **Entrevista a Caroline Marzani**. Curitiba, 2015.

SANTAELLA, Lucia. **Cultura e artes do pós-humano: Da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

ANEXOS



Figura 1- Programa do Evento *OrnitOrrincO - modos transitivos de criação*. Junho de 2013.

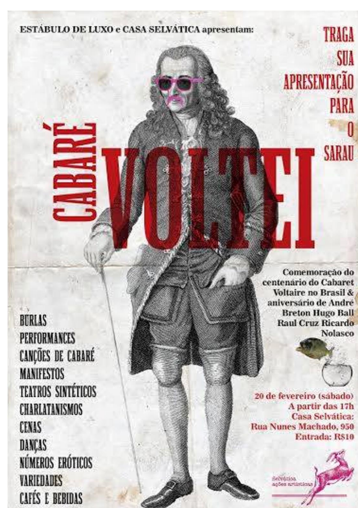


Figura 2- Programa de *Cabaret Voltei* - Evento comemorativo dos 100 anos do Cabaret Voltaire. Fevereiro de 2016.

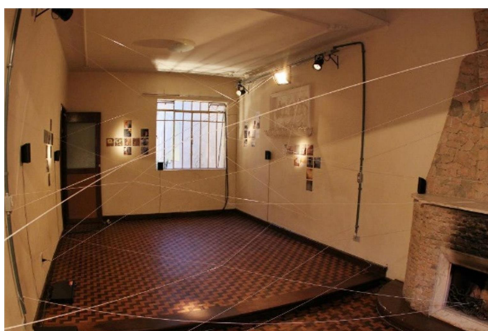


Figura 3- Interior da *Casa Selvática*. Instalação artística *In-Real- acontecimentos poéticos*. Descompanhia de Dança. Contraste entre a arquitetura com os aparelhos de luz e as instalações. Foto: Elenize Dezgeniski. Fevereiro de 2013.



Figura 4- Apresentação de *Wunderbar*. A arquitetura da igreja contrasta com a performance artística. Foto: Natanael Pietroski. Fevereiro de 2013.